

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

UMA INTRODUÇÃO AO MOLINISMO¹ An introduction to Molinism

Fares Camurça Furtado²Carlos Alberto Bezerra³

RESUMO

O molinismo é um sistema que compatibiliza de maneira radical a soberania divina com a liberdade humana. Tendo origem a partir das ideias do jesuíta Luís de Molina, no século XVI, ganhou o campo dos debates filosóficos em meados do século XX, e a partir de então tem adentrado nas discussões da academia teológica. Trata-se mais de um sistema filosófico com aplicações teológicas, sendo oriundo de uma modificação da epistemologia divina, a partir da elaboração de uma categoria denominada conhecimento médio, por meio do qual Deus conhece os contrafactuais e através do mesmo decreta criar as coisas existentes no mundo. Este esquema modifica a soteriologia calvinista, mas o faz às custas de muita argumentação filosófico-teológica e pouca exegese bíblica. Algumas objeções demonstram inconsistências no sistema molinista quanto ao caráter divino e findam por incompatibilizá-lo com o calvinismo.

Palavras-chaves: Molinismo. Conhecimento médio. Libertarismo. Compatibilismo. Presciência Divina.

¹ Trabalho apresentado durante o I Congresso de Música e Teologia do Seminário Batista do Cariri, realizado de 30 de julho a 3 de agosto de 2012.

² Bacharel em Medicina pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e teólogo formado em Teologia com ênfase em Exegese do Seminário Batista do Cariri, no ano de 2014.

³ O autor é mestrando em Teologia nas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Professor da graduação e pós-graduação em Teologia na Faculdade Batista do Cariri.

ABSTRACT

The molinism is a system that in a radical way tries to make compatible the divine sovereignty and the human freedom. Its origins are in the ideas of the jesuit priest Luis de Molina, in the 16th century, and more recently, at the second half of 20th century, it has been part of philosophical debates and discussions of the theological academy. It is more a philosophical system with theological applications, with roots in a modification of divine epistemology, through the elaboration of a category named middle knowledge, where God knows the counterfactuals, and for this, decrees to create the existent things in the world. This outline changes the Calvinistic soteriology, but do this with many philosophical and theological argumentation but few biblical exegesis. Some objections show the inconsistency of the molinist system when it comes to the divine character and make it incompatible with the Calvinism.

Key Words: Molinism. Middle Knowledge. Libertarianism. Compatibilism. Divine Foreknowledge.

INTRODUÇÃO

Parece existir uma tensão entre soberania divina e responsabilidade humana, pois se Deus é soberano, em um sentido amplo, como pode o homem ser livre para tomar decisões e responder por seus atos? Se, por outro lado, o homem é livre para escolher, como Deus pode ser soberano sem interferir na liberdade humana?

O grande pregador inglês Charles Spurgeon, certa vez, foi perguntado sobre como reconciliaria a responsabilidade humana e a soberania divina. Sua resposta foi categórica: “Eu nem ousaria tentá-lo”. “Eu nunca reconcilio amigos”.⁴ Certamente, os dois conceitos encontram-se na Bíblia, mas o antinômio⁵ entre os mesmos permanece. Um exemplo clássico disto é Lucas 22.22: “Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas aí daquele por intermédio de quem ele está sendo traído”.

Porém, a despeito da advertência de Romanos 9.18-20, muitas tentativas de reconciliação têm sido feitas. Uma delas é o molinismo, objeto de estudo do presente artigo, cujos ideais, tendo surgido em ambiente católico, nas últimas décadas tem atingido o evangelicalismo norte-americano e, mais recentemente, o brasileiro. Nesta perspectiva, o presente artigo tem por objetivo fazer uma abordagem introdutória do molinismo, mostrando suas origens, bases doutrinárias, seu diálogo com o calvinismo e o arminianismo e suas decorrentes implicações. Não tem pretensões de ser exaustivo, nem de fazer uma abordagem completa do debate filosófico-teológico molinista, dadas as limitações e o propósito de ser uma introdução à temática em destaque.

Este trabalho parte de um pressuposto soteriológico calvinista e postula a hipótese de que a tentativa molinista de explicar a conciliação entre a soberania de Deus e a liberdade humana, a partir do conhecimento médio, carece de fundamentação bíblica.

⁴ PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 31.

⁵ Antinômio: sustentação de duas verdades aparentemente contraditórias, mas que existem em um mesmo contexto, apesar da impossibilidade de explicar como se conciliam. Ex.: soberania divina e responsabilidade humana; a unipersonalidade de Cristo e sua dupla natureza.

1. HISTÓRICO DO MOLINISMO

O termo molinismo é atribuído àqueles que comungam das ideias filosóficas, teontológicas e soteriológicas do jesuíta espanhol Luís de Molina, que viveu entre 1535 e 1600 d.C. Em 1553, ele entrou para a Companhia de Jesus. Suas aptidões para o ensino logo foram notadas e ele passou a ensinar em Coimbra (1563-1567) e Évora (1568-1583). Em seguida, foi para Lisboa, lugar onde escreveu sua *opus magnum*: “*Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis*”.⁶

Numa época em que a Reforma começava a disseminar doutrinas monergísticas, a Igreja Católica lutava para garantir a continuidade do sinergismo. Na linha de frente da Contra-Reforma, os teólogos jesuítas tentavam desenvolver um sistema que pudesse resgatar os “fiéis católicos” perdidos para o protestantismo. Foi neste contexto que “Luis de Molina desenvolveu sua doutrina do conhecimento médio⁷ de Deus como resposta às visões fortemente predestinacionistas de reformadores protestantes como Lutero e Calvino”.⁸ Porém, no século XVI e XVII, as discussões soteriológicas foram travadas eminentemente em solo protestante. O polo arminiano⁹ foi bem delimitado, em 1610, com a publicação do documento *Scriptorum Remonstrantium*, estabelecendo os cinco pontos do arminianismo; o polo calvinista foi bem delimitado em 1618-1619, durante o Sínodo de Dordrecht (Dort)¹⁰, base dos cinco pontos do calvinismo, resumidos no acrônimo TULIP.¹¹

A posição intermediária entre estes dois sistemas, no contexto histórico protestante, foi o Amyraldianismo, desenvolvida pelo francês Moisés Amyralt (1596-1664)¹², da escola de Saumur. Este teólogo considerava-se um genuíno calvinista, mas dos cinco pontos de Dort, ele

⁶ CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. **Dictionary of the Christian Church**. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007, p. 1100. A obra “*Concordia*”, de Molina, ainda não foi traduzida para o Português; em inglês há disponível a tradução do latim da parte IV deste livro, que versa sobre a presciência divina. Cf.: MOLINA, L. **On Divine Foreknowledge** (Part IV of the Concordia). Translation by Alfred J. Freddoso. Ithaca: Cornell University, 1988.

⁷ Apesar de que há quem diga que este conceito foi primeiramente descrito pelo jesuíta português Pedro da Fonseca, sendo Luís de Molina apenas aquele que tornou o conhecimento médio público. Cf: http://www.monergismo.com/textos/arminianismo/ciencia-media-arminianismo-tr_Daniel-Guanaes.pdf. Acesso em: 27/02/2012.

⁸ <http://www.reasonablefaith.org/molininism>. Acesso em: 04/07/2012.

⁹ Ainda assim, alguns teólogos acreditam que Jacobus Armínus teve contato com os escritos de Luís de Molina, e que seus pensamentos acerca da salvação foram influenciados pelo jesuíta espanhol e pelos escritos de Suarez, o qual tentou conciliar realismo e nominalismo, a partir dos escritos de Tomás de Aquino. Cf. LAING, J. D. The Compatibility of Calvinism and Middle Knowledge. **JETS**, 47/3 (September, 2004), p. 457; MONDIN, B. **Curso de filosofia**. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2003, Vol. 2, p. 47. Em ambiente católico, a discussão soteriológica nesta época, apesar de mais discreta, deu-se entre jesuítas e dominicanos. Confira mais detalhes em: CRAIG, W. L. **The Middle-Knowledge View**. In: BEILBY, J. K.; EDDY, P. R. **Divine foreknowledge: four views**. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2001, p. 121-123.

¹⁰ Para maiores detalhes sobre o debate entre livre arbítrio e soberania divina, consultar a obra: SPROUL, R. C. **Sola Gratia: a controvérsia sobre o livre-arbítrio na História**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

¹¹ TULIP – T = Depravação Total; U = Eleição Incondicional; L = Expição limitada; I = Graça irresistível; P = perseverança dos santos. Michael Horton, um calvinista do Seminário de Westminster, prefere os termos “redenção particular”, ao invés de “expição limitada”, e “graça eficaz”, ao invés de “graça irresistível”. In: HORTON, M. **For calvinism**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

¹² COSTA, H. M. P. **Raízes da Teologia Contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 331.

não concordava com a expiação limitada. A partir daí, começou-se a usar o termo calvinismo de quatro pontos, calvinismo moderado¹³, universalismo hipotético¹⁴, etc.

A fundamentação da tese amyraldiana prioriza os decretos divinos, ao contrário do molinismo, que a partir de um entendimento bíblico-filosófico dos atributos divinos, explica como foram realizados os decretos. Com base no ensino de Amyraut é que se popularizou o dito “semicalvinista”: “a morte de Cristo foi suficiente para todos, mas eficiente somente para os eleitos”. Sobre a ordem dos decretos da escola de Saumur, Berkhof afirma:

Distinguiam um duplo decreto de Deus: a) um decreto para enviar a Cristo ao mundo para salvar todos os homens por Sua morte expiatória, com a condição da fé nele. Contudo, porque Deus viu que este propósito fracassaria, dado que ninguém aceitaria a Cristo pela fé, Ele propôs um segundo decreto ao primeiro. b) Um decreto para dar a um certo número de pecadores, a saber, aos eleitos, uma graça especial, com o fim de gerar fé nos seus corações e garantir a sua salvação.¹⁵

Assim posto, esta ordem dos decretos de maneira inconsistente coloca o decreto de eleição posterior ao de redenção,¹⁶ além de possibilitar a salvação e não garanti-la. Trata-se, isto sim, de uma tentativa de casar o universal com o particular. Neste sentido, Beeke afirma: “A diferença entre o amiraldismo e o arminianismo é que naquele a limitação é a escolha de Deus, enquanto neste a limitação é a escolha daquele que crê”.¹⁷ Mesmo que não se considerem amyraldianos¹⁸, são muitos os teólogos que subscrevem a “expiação universal”.¹⁹

Os verdadeiros responsáveis pelo ressurgimento do molinismo, nas últimas décadas, foram os filósofos da religião. Mais especificamente, Alvin Plantinga, em seu livro “*The Nature of Necessity*”, redescobriu os escritos de Luís de Molina e os aplicou à natureza de Deus, a partir da lógica modal.²⁰ Desde então, muitos filósofos e teólogos têm se inclinado para o molinismo e sua “pedra fundamental”: o conhecimento médio.

Principalmente, os teólogos que não tinham muita afinidade com o calvinismo têm se valido do molinismo para assegurar a liberdade humana e a expiação universal, tendo em vista que a ordem dos decretos do amyraldianismo, uma vez assumida, poderia gerar graves problemas a quem quisesse defender a expiação universal. Neste sentido, o molinismo “caiu como luvas”. Entre os principais filósofos cristãos que aderiram ao molinismo, encontram-se William Lane Craig e Thomas Flint.

Porém, até pouco tempo, a penetração do molinismo na academia teológica nacional era quase inexistente; a julgar pela quantidade ínfima de obras teológicas que fizessem uma exposição mínima que fosse do sistema molinista. O que tem ajudado a disseminar o

¹³ É como se auto intitula Norman Geisler in: GEISLER, N. **Eleitos, mas livres**: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio. São Paulo: Vida, 2001, p. 59-62.

¹⁴ COSTA, 2004, p. 331.

¹⁵ COSTA, 2004, p.

¹⁶ Por este motivo, o amyraldianismo também é chamado de pós-redencionista.

¹⁷ BEEKE, J. **Vivendo para a glória de Deus**: uma introdução à fé reformada. São José dos Campos: Fiel, 2010, p. 96.

¹⁸ Até porque o amyraldianismo foi condenado, em 1675, pelas igrejas reformadas da Suíça.

¹⁹ Richard Baxter, Augustus H. Strong, Lewis S. Chafer, Millard J. Erickson e Norman Geisler, só para citar alguns.

²⁰ LAING, 2004, p. 455.

molinismo no Brasil é a popularização dos escritos de William Lane Craig, cuja argúcia filosófica, destreza apologética e persuasão arrebatadora tem atraído milhares de seguidores.

2. DEFINIÇÃO

O molinismo é mais um sistema filosófico que uma opção soteriológica. Esta percepção depreende-se a partir dos escritos de Keathley:

O molinismo defende que Deus cumpre perfeitamente sua vontade em criaturas livres através de Sua onisciência. Ele reconcilia duas verdades bíblicas cruciais: (1) Deus exerce controle soberano sobre toda sua criação e (2) seres humanos fazem livres escolhas e decisões pelas quais devem prestar contas.²¹

Este conceito inicialmente genérico já evidencia traços de que a liberdade de escolha do homem tem grande peso para o molinismo; porém, a soberania de Deus é um obstáculo ao exercício da liberdade das criaturas. Para isto, uma teoria é elaborada, levando-se em conta a onisciência divina, visando conciliar o Deus soberano com o homem livre. Isto se observa do desdobramento da conceituação do molinismo proposta por Keathley:

O molinismo ensina que Deus exerce sua soberania primariamente através de sua onisciência, e que Ele conhece infalivelmente o que criaturas livres fariam em uma determinada situação. Deste modo, Deus controla soberanamente todas as coisas, enquanto os seres humanos são genuinamente livres. Deus é capaz de cumprir sua vontade através do que os molinistas intitulam de *conhecimento médio*.²²

O molinismo apresenta uma visão calvinista da soberania divina e uma visão arminiana da liberdade humana.²³ Não é para menos que é atacado tanto por calvinistas quanto por arminianos.

Por exemplo, o conselho editorial das edições Vida Nova, de orientação calvinista, afirma sobre o molinismo: “é uma visão não tradicional da onisciência divina (...), doutrina segundo a qual Deus conhece todas as possibilidades futuras, sabendo como cada criatura dotada de livre-arbítrio agirá em qualquer conjunto de circunstâncias possíveis.”²⁴ Diante das críticas, os molinistas defendem-se da acusação de adesão a um mero sistema filosófico:

O molinismo é um sistema filosófico preciso que se originou de um comprometimento a certos princípios claramente ensinados na Bíblia: (1) Deus pode e criou seres com significativa e genuína liberdade; (2) Deus pode e exaustivamente conhece o que criaturas livres fariam em todos os cenários possíveis; e (3) Deus pode e soberana e meticulosamente faz cumprir sua

²¹ KEATHLEY, K. **Salvation and the sovereignty**: a molinist approach. Nashville: B & H, 2010, p. 4.

²² KEATHLEY, 2010, p. 4.

²³ KEATHLEY, 2010, p. 5.

²⁴ MORELAND, J. P.; CRAIG, W. L. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 629. (Nota dos editores). Ainda assim, parece que as Edições Vida Nova estão preocupadas em entender os detalhes deste debate, tendo em vista que publicou um dos principais livros de PLANTINGA, Alvin. **Deus, liberdade e o mal**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

vontade através de sua onisciência – este aspecto de seu conhecimento nós chamamos de conhecimento médio.²⁵

Eis uma bela definição do que vem a ser a essência do molinismo; porém, nota-se que, mesmo tomando como base os ensinamentos bíblicos, sua sistematização é filosófica. Sendo assim, para compreender melhor este sistema, o estudante deve estar a par de alguns conceitos filosóficos imprescindíveis nesta matéria.

3. CONHECIMENTO MÉDIO

Molina desenvolveu tal teoria a partir da análise da presciência divina, partindo das categorias epistemológicas de Tomás de Aquino acerca do conhecimento de Deus: o conhecimento natural, chamado por Aquino de Inteligência Simples, e o conhecimento livre, que Aquino chamou de Conhecimento de Visão.²⁶ A estas duas categorias, Molina acrescentou um conhecimento intermediário, que denominou conhecimento médio. Desta forma, segundo o esquema molinista, Deus utiliza seu conhecimento a partir de três momentos lógicos e não cronológicos:

1º momento: é o **conhecimento natural**²⁷ de Deus, onde ele conhece todas as verdades possíveis, tanto as contingentes quanto as necessárias. Trata-se de um conhecimento pré-volicional, pois independe da vontade de Deus, o qual conhece todas as possibilidades, independente de desejá-las ou não; Deus conhece as coisas naturalmente antes de desejá-las ou escolhê-las²⁸. Segundo Keathley, neste primeiro momento, Deus:

conhece todas as possibilidades, tudo o que poderia acontecer. Ele conhece qual seria a realidade em um mundo que não tivesse criado nem eu nem você; não tivesse criado ninguém ou nada. Esses cenários possivelmente formados são chamados de *mundos possíveis*.²⁹

A palavra-chave aqui é “o que poderia ser”.

2º momento: chamado de conhecimento médio, é exatamente um conhecimento contrafactual.³⁰ É uma extensão do conhecimento natural de Deus. “Contém todas as verdades contingentes do que cada criatura possivelmente faria (não apenas poderia fazer) em algum conjunto possível de circunstâncias. Este momento contém as verdades contrafactuais concernentes às escolhas contingentes de criaturas genuinamente livres”.³¹ É logicamente anterior ao decreto criativo e ao conhecimento livre de Deus. A palavra-chave aqui é “o que seria”.

²⁵ KEATHLEY, 2010, p. 18.

²⁶ LAING, 2004, p. 456.

²⁷ É assim chamado porque se refere ao conhecimento relativo à natureza ou essência divina. Como a essência divina é necessária, tal conhecimento inclui todas as verdades metafisicamente necessárias. Por ser necessário, Deus não poderia ter um conhecimento diferente deste conhecimento natural que possui.

²⁸ Cf. LAING, J. D. **Middle Knowledge**. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/middlekn/>. Acesso em 26/06/2012.

²⁹ KEATHLEY, 2010, p. 39.

³⁰ CRAIG In: BEILBY; EDDY, 2001, p. 120.

³¹ KEATHLEY, 2010, p. 39.

3º momento: denominado como conhecimento livre de Deus, estabelece que “após o decreto de criar um mundo particular, Deus conhece todas as verdades contingentes sobre o mundo atual, incluindo seu passado, presente e futuro”.³² Este é o que poderia ser considerado “conhecimento decretivo”, pois é exatamente o conhecimento das coisas que acontecerão. A palavra-chave aqui é que Deus possui conhecimento “do que será”. A tabela abaixo resume bem o conhecimento de Deus em seus três momentos.

Os três momentos do molinismo em termos de “poderia ser”, “seria” e “será” Deus usa sua onisciência para cumprir perfeitamente sua vontade		
1º momento: Conhecimento natural de Deus	“Poderia ser” Tudo que poderia acontecer	Deus conhece todas as possibilidades
2º momento: Conhecimento médio de Deus	“Seria” Tudo que aconteceria	Deus conhece quais possibilidades são viáveis
Entre o 2º e o 3º momento: Deus livre e soberanamente escolhe este mundo particular, a partir de um número infinito de possibilidades viáveis.		
3º momento: Conhecimento livre de Deus	“Será” Tudo que acontecerá	Deus conhece todas as coisas exhaustivamente.

Tabela 1: Molinismo em um resumo³³

Com o objetivo de fixação, sugiro um exemplo: Deus conhece todas as possibilidades onde Charles Spurgeon poderia ter nascido: na Inglaterra, no Brasil, nos EUA, na Malásia, na Oceania, etc. Este é o conhecimento natural de Deus: tudo o que poderia acontecer. Deus conhece não somente as possibilidades, mas também o que ocorreria a Spurgeon se tivesse nascido em cada um destes lugares. É o conhecimento das contrafactuais, onde Deus sabe como Spurgeon reagiria a cada uma dessas contingências. Este é o seu conhecimento médio.

Pelo seu conhecimento médio, Deus decreta eleger ou não Spurgeon para a salvação. Pelas evidências, a maioria da cristandade crê que Spurgeon tenha sido salvo. Segundo tal hipótese, Deus decretou elegê-lo, após verificar seu conhecimento médio, pois observou que o indivíduo livre (possuidor de liberdade libertária) Spurgeon, uma vez que fosse apresentado à revelação divina, iria escolhê-la em qualquer um dos mundos possíveis. Por tal motivo, Deus resolve atualizar um mundo em que Spurgeon seja salvo. Então, pelo seu conhecimento livre, após o seu decreto, Deus resolve criar um mundo em que Spurgeon nasce na Inglaterra, seja submetido ao Evangelho e seja salvo. Desta forma, parece ficar assegurada a soberania divina, onde Deus é quem escolhe o mundo que quer e Spurgeon é livre para escolher o que quer (de acordo com as contingências obtidas no conhecimento médio divino).

Base Bíblica para o Conhecimento Médio. Algumas passagens mostram claramente que Deus conhece o que aconteceria a determinada pessoa, cidade ou evento, se as circunstâncias fossem diferentes. Com isto em mente, os molinistas usam tais passagens como texto-prova para a existência do conhecimento médio de Deus. Exemplo: 1 Samuel 23.10-13; Jeremias

³² CRAIG In: BEILBY; EDDY, 2001, p. 121.

³³ Extraída de: KEATHLEY, 2010, p. 17.

38.17-18; 1 Samuel 13.13-14; Mateus 11.21-23; João 15.22-24; Lucas 4.24-46; Romanos 9.29; Jeremias 38.17-18; João 21.6; João 18.36; Mateus 26.24; 1 Coríntios 2.8.³⁴

4. SOTERIOLOGIA MOLINISTA

Nem todos os molinistas subscrevem a mesma fórmula soteriológica. O que é certo quanto a este sistema é a crença na expiação universal de Cristo. Abaixo segue um modelo desenvolvido por Keathley (2010), denominado ROSES. Este modelo analisa os cinco pontos do calvinismo e já inicia com a pressuposição de que abraça apenas três dos cinco, negando a expiação limitada e a graça irresistível.³⁵

O esquema ROSES coloca-se como alternativa ao TULIP, que na visão molinista é inconsistente, conforme a tabela abaixo:

SOTERIOLOGIA MOLINISTA	SOTERIOLOGIA CALVINISTA
R = <i>Radical Depravity</i> (Depravação Radical).	T = <i>Total Depravity</i> (Depravação Total)
O = <i>Overcoming grace</i> (Graça triunfante)	I = <i>Irresistible Grace</i> (Graça irresistível)
S = <i>Sovereign Election</i> (Eleição Soberana)	U = <i>Unconditional Election</i> (Eleição Incondicional).
E = <i>Eternal Life</i> (Vida Eterna)	P = <i>Perseverance of the Saints</i> (Perseverança dos Santos)
S = <i>Singular Redemption</i> (Redenção Sigular)	L = <i>Limited Atonement</i> (Expiação Limitada)

Tabela 2. Comparação entre a soteriologia molinista e calvinista³⁶

Observa-se, entretanto, que ao negar o “I” e o “L” da TULIP, o molinismo finda tendo que modificar os demais pontos também.

4.1 Depravação Radical

A depravação total transforma-se em depravação radical, pois, conforme o sistema molinista, para que o homem tenha liberdade, ele não pode estar incluso em um sistema determinista. Para a maioria dos calvinistas, a liberdade que o homem possui é uma liberdade de inclinação “que alguém possui para fazer o que quer, mas não para mudar sua inclinação”.³⁷ Para o molinista, tal liberdade não passa de “cativeiro”, pois o indivíduo não poderia escolher a opção diferente.

Então, a depravação é radical (todo o ser do homem foi atingido pela queda), mas Deus, pelo seu conhecimento médio, sabe qual seria a escolha do homem em qualquer um dos mundos possíveis; sendo assim, Deus resolve salvar aqueles que optariam por escolhê-lo. O molinismo nega o determinismo (não haveria a possibilidade de fazer outra opção), mas aceita a depravação radical (o homem está radicalmente afastado de Deus, mas pode escolher crer; porém só o fará pelo trabalho da graça divina em seu coração).

³⁴ In: A brief look at Molinism1. <http://www.youtube.com/watch?v=SQpNPEiAedg>. Acesso em: 09/07/2012.

³⁵ KEATHLEY, 2010, p. 1.

³⁶ Adaptação de KEATHLEY, 2010, p. 1.

³⁷ KEATHLEY, 2010, p. 67.

4.2 Graça Triunfante

A graça irresistível é substituída pela graça triunfante, pois na concepção molinista a expressão “graça irresistível” causa a impressão de que a pessoa é salva contra a sua própria vontade. Para entender como a graça age na vida dos pecadores, Keathley vale-se de uma ilustração: uma ambulância levando um doente para o hospital. O trabalho de salvar aquela vida é exclusivo do motorista da ambulância, pois o doente nada pode fazer para ser salvo; por outro lado, o paciente pode recusar-se a continuar indo para o hospital; neste caso, o motorista da ambulância não pode obrigá-lo a entrar em uma unidade hospitalar. Da mesma forma, a obra de salvação é exclusiva do Espírito Santo; o homem, entretanto, pode resistir à graça e não ser salvo. Assim sendo, “a salvação é totalmente obra da graça; mas a condenação é totalmente do pecado”.³⁸ Em outras palavras, a graça é monergística, mas é resistível.

4.3 Eleição Soberana

O molinista prefere o termo eleição soberana, porque o termo eleição incondicional “dá a impressão de que aqueles que morrem sem receber a Cristo, somente morrem nesta condição porque Deus nunca desejou a salvação deles em primeiro plano”.³⁹

O termo eleição soberana preconiza que Deus deseja a salvação de todos os homens, indistintamente, e, ao mesmo tempo, baseia sua eleição no fato de Deus escolher o homem e não o contrário. O molinismo não tenta descobrir a ordem lógica dos decretos divinos, pois, na concepção molinista, o decreto divino é simples e ocorre logicamente em um único momento. O que o molinismo procura entender é a ordem lógica da presciência divina, para, a partir do momento lógico chamado “conhecimento médio”, efetuar o seu decreto de eleição. Tentam fugir da tarja de “eleição pela presciência” dos arminianos, porém, no mínimo, trata-se de uma eleição pelo conhecimento médio.

4.4 Vida Eterna

Este termo é preferível em relação à perseverança dos santos. O último causa a impressão de que a segurança do crente é garantida mais em sua capacidade de perseverar do que no fato de que é declarado justo em Cristo.⁴⁰ Com o termo vida eterna, os molinistas tencionam afirmar que “os crentes se deleitam numa vida transformada que é preservada; os crentes submetem-se à fé na qual permanecem”.⁴¹

4.5 Redenção Singular

Nos escritos molinistas há uma ênfase em mostrar que Deus deseja que todos os homens sejam salvos e em negar que Jesus Cristo morreu apenas pelos eleitos. Para eles, a

³⁸ KEATHLEY, 2010, p. 101.

³⁹ KEATHLEY, 2010, p. 3.

⁴⁰ KEATHLEY, 2010, p. 3.

⁴¹ KEATHLEY, 2010, p. 3.

redenção é singular, ou seja, é única e ilimitada. Ou seja, na cruz, Jesus Cristo providenciou salvação para todos, mas a aplicou apenas aos que creem.⁴²

5. OBJEÇÕES AO MOLINISMO⁴³

5.1 Os argumentos bíblicos de Molina para o conhecimento médio são inconclusivos

Os textos bíblicos usados no tópico 3 deste artigo demonstram que Deus possui conhecimento de contrafactuais; mas isto não quer dizer que ele possua um conhecimento médio. Por exemplo, o texto de Mateus 11.21,22 afirma: “Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras”. Isto não quer dizer que Deus utilizou um conhecimento médio para saber o que Tiro e Sidom fariam em circunstâncias diferentes. O texto apenas indica que Deus possui conhecimento de contrafactuais ou “conhecimento das coisas possíveis”.⁴⁴ O ponto aqui não é o conhecimento médio, mas a existência de graus de punição proporcional à quantidade de revelação recebida.

Mesmo molinistas, como William Lane Craig, admitem a falta de suporte bíblico para a teoria do “conhecimento médio de Deus”, porém infelizmente tentam tirá-la do campo exegético para colocá-la no campo filosófico. Utilizando-se deste subterfúgio, nenhum exegeta à parte da filosofia poderá contestar o conhecimento médio. Desta forma, Craig joga para fora das Escrituras o embasamento da tese molinista:

Desde que as Escrituras não refletem sobre esta questão, nenhuma soma de textos-prova pode provar que o conhecimento de Deus dos contrafactuais é logicamente anterior ao seu decreto criativo, **isto é uma matéria para reflexão filosófico-teológica, não para exegese bíblica.**⁴⁵ (grifo do autor)

5.2 O conhecimento médio compromete a auto-existência de Deus

Como ser auto-existente Deus é pura atualidade (ou seja, não possui potencialidade alguma). Ele é totalmente independente e não-causado. Entretanto, se Deus possui conhecimento médio, de alguma forma, torna-se dependente de suas criaturas. Para o molinista, a liberdade libertária do homem é quem determina quais contrafactuais são verdadeiras.

Desta forma, o conhecimento médio de Deus é condicionado e dependente da liberdade libertária humana. Como diz Campbell: “o conteúdo do conhecimento médio de Deus é determinado pela criatura”.⁴⁶ Isto, no mínimo, produz potencialidade passiva ao conhecimento de Deus e, como tal atributo relaciona-se ao seu ser, tal potencialidade no atributo pode gerar potencialidade em todo o ser de Deus, comprometendo Sua absoluta

⁴² KEATHLEY, 2010, p. 194.

⁴³ Boa parte das objeções foram extraídas de: CAMPBELL, T. J. **Middle knowledge: a reformed critique.**

⁴⁴ CAMPOS, H. C. **O Ser de Deus e os seus atributos.** 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 225.

⁴⁵ CRAIG In: BEILBY; EDDY, 2001, p. 125.

⁴⁶ CAMPBELL, T. J. **Middle knowledge: a reformed critique,** p. 24.

independência. Avaliando tal raciocínio sob a ótica tomista, “se Deus tivesse potencial, ele precisaria de uma causa. Como é a Causa Suprema de todas as coisas, Deus não tem potencial”.⁴⁷

O fato é que a autoexistência de Deus é claramente exposta em João 1.1-4; João 5.26; Atos 17.24,25,28. Mais do que isto, a Escritura nos mostra que o conhecimento de Deus não é baseado e/ou dependente da criatura, mas o conhecimento divino é baseado e procedente do próprio Deus. “Ele consegue seu conhecimento de si próprio, ele não o recebe de ninguém”⁴⁸ (cf. Isaías 40.12, 15-17).

5.3 Mesmo não sendo determinista, o molinismo, com o seu conhecimento médio, parece implicar determinismo de circunstância

T. J. Campbell exemplifica o ponto acima a partir de Pedro e sua negação a Cristo:

os proponentes do conhecimento médio insistirão que Deus, conhecendo aquelas circunstâncias nas quais Pedro (uma vez submetido às mesmas) escolheria negar a Cristo, colocou Pedro sujeito exatamente a tais circunstâncias. Mas nós (**os calvinistas**) poderíamos perguntar: “e quanto às circunstâncias que influenciaram Pedro a fazer sua escolha?” Se a resposta for “nenhuma das circunstâncias influenciou Pedro”, então nós poderíamos perguntar acerca da relevância de dizer: “Deus conheceu sobre quais circunstâncias Pedro escolheria negar a Cristo”. Se a resposta (**dos molinistas**) for: “existe algo nas circunstâncias que influenciou Pedro a fazer sua escolha”, então, a circunstância torna-se o fator determinante na decisão e não Pedro em si mesmo.⁴⁹ (grifo do autor)

A partir daí podemos esboçar o seguinte silogismo:

Premissa 1: Deus decreta com base no seu conhecimento de circunstâncias.
Premissa 2: Nenhuma das circunstâncias influencia a decisão humana.
Conclusão: O conhecimento médio é irrelevante.

Tal conclusão é estabelecida porque, se as circunstâncias não alteram em nada a decisão humana, então Deus não precisaria ter o conhecimento médio de circunstâncias diferentes para poder decretar em que mundo possível alguém tomaria certa decisão.

Outro silogismo:

Premissa 1: Deus decreta com base no seu conhecimento das circunstâncias.
Premissa 2: As circunstâncias influenciam a decisão humana.
Conclusão: Existe determinismo de circunstância.

Seja qual for a variação na segunda premissa, sempre haverá um elemento de choque com a tese molinista: na primeira, o conhecimento médio é desnecessário; na segunda, os molinistas terão que aceitar um determinismo circunstancial, coisa que negam, por absoluto.

Geisler arremata a questão da seguinte maneira:

⁴⁷ GEISLER, N. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002, p. 610.

⁴⁸ CAMPBELL, p. 25.

⁴⁹ CAMPBELL, p. 28.

Os molinistas dizem que o conhecimento de Deus é determinado por futuros atos livres. Isso sacrifica Deus como Causa suprema. Ele é determinado pelos eventos, não o Determinador. Isso é contrário à natureza de Deus, pois ele se tornaria espectador epistemológico.⁵⁰

5.4 A crença consistente na soberania de Deus deve negar o conhecimento médio

Este ponto corresponde à hipótese postulada no presente artigo, tendo em vista que um sistema que procura explicar logicamente como a soberania de Deus se concilia com a liberdade humana, findará por suprimir um dos dois. Aqui, é a soberania divina que é suprimida.

Isto ocorre porque, segundo o molinismo, Deus realiza seu decreto soberano com base no conhecimento médio que possui dos atos livres dos homens. Logicamente, o decreto soberano de Deus é condicionado à vontade do homem, pois Deus só decretará um mundo em que a liberdade libertária do homem será satisfeita. Em última instância, é a vontade do homem que determinará qual mundo Deus escolherá para a humanidade e não o Deus Soberano em si. Percebe-se que a vontade do homem é que se torna determinante para que o decreto divino seja realizado.

5.5 A doutrina do conhecimento médio é supérflua

O conhecimento natural de Deus é suficiente para decretar. Sem tal conhecimento, Deus não teria um conhecimento para criar, mas criaria para depois conhecer. Sem o conhecimento livre, Deus não é soberano sobre o mundo que obtém. Desta forma, Deus não precisa de um conhecimento médio para decretar, pois seu conhecimento natural concede subsídios suficientes para sua ação decretiva. Se Deus precisasse de um conhecimento médio a impressão que se apresenta, é que seu conhecimento natural não seria suficiente, precisando ser desenvolvido ou desdobrado, gerando potencialidade. Desta forma, o conhecimento médio tanto é desnecessário quanto reformula de maneira heterodoxa a presciência divina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O molinismo é um sistema filosófico que de maneira corajosa procura entender em seus detalhes como a soberania de Deus se compatibiliza com a liberdade humana. Ao fazer isto, procura o caminho do meio sem seguir os extremos do calvinismo e do arminianismo, ao passo que procura evitar a posição intermediária amyraldiana.

O debate é filosófico, porém as implicações teológicas do mesmo é que se transformam no “calcanhar de Aquiles” dos molinistas. O que parece estar nas entrelinhas da questão soteriológica é que o molinista precisa negar a “expição limitada”, ao mesmo tempo em que procura defender uma visão consistente de soberania divina. Molina fez isto a partir da reformulação da presciência divina, criando uma subdivisão denominada “conhecimento

⁵⁰ GEISLER, 2002, p. 610.

médio”, a qual parece explicar detalhadamente como um Deus soberano atua sem infringir a liberdade libertária do homem.

Conclui-se, porém, com base nas evidências expostas ao longo das objeções ao molinismo, que o conhecimento médio, além de não possuir embasamento direto das Escrituras, cai em uma tentativa frustrada de refutar o calvinismo, tendo em vista que, no final das contas, o molinismo subscreve a um determinismo de circunstâncias.

As ameaças à natureza divina inferidas da doutrina do conhecimento médio e a ordem lógica que coloca a soberania divina em submissão à vontade humana no sistema molinista são fatores que devem ser avaliados antes de procurar compatibilizar calvinismo e conhecimento médio.⁵¹

REFERÊNCIAS

BASINGER, D.; BASINGER, R. **Predestinação e livre-arbítrio**: quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a liberdade humana. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.

BEEKE, J. **Vivendo para a glória de Deus**: uma introdução à fé reformada. São José dos Campos: Fiel, 2010.

BEILBY, J. K.; EDDY, P. R. **Divine foreknowledge**: four views. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2001.

CAMPOS, H. C. **O Ser de Deus e os seus atributos**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

COSTA, H. M. P. **Raízes da Teologia Contemporânea**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. **Dictionary of the Christian Church**. Peabody: Hendrickson Publishers, 2007.

GEISLER, N. **Eleitos, mas livres**: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio. São Paulo: Vida, 2001.

_____. **Enciclopédia de apologética**: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002.

HORTON, M. **For calvinism**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

LAING, J. D. The Compatibility of Calvinism and Middle Knowledge. **JETS**, 47/3 (September, 2004).

KEATHLEY, K. **Salvation and the sovereignty**: a molinist approach. Nashville: B & H, 2010.

MOLINA, L. **On Divine Foreknowledge** (Part IV of the Concordia). Translation by Alfred J. Freddoso. Ithaca: Cornell University, 1988.

MONDIN, B. **Curso de filosofia**. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2003. Volume 2.

⁵¹ Isto porque não são poucos os teólogos que procuram compatibilizar o calvinismo com a doutrina do conhecimento médio, entre eles: John L. Daing e Bruce Ware.

MORELAND, J. P.; CRAIG, W. L. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

PLANTINGA, Alvin. **Deus, liberdade e o mal**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

SPROUL, R. C. **Sola Gratia**: a controvérsia sobre o livre-arbítrio na História. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

<http://www.iep.utm.edu/middlekn/>. Acesso em 26/06/2012.

http://www.monergismo.com/textos/arminianismo/ciencia-media-arminianismo-tr_Daniel-Guanaes.pdf. Acesso em: 27/02/2012.

<http://www.reasonablefaith.org/molism>. Acesso em: 04/07/2012.

<http://sollox.blogspot.com.br/2012/03/conhecendo-os-calvinistas.html>. Acesso em 13/07/2012.

<http://www.vidanova.com.br/noticia.asp?codigo=139>. Acesso: 25/07/2012.

<http://www.youtube.com/watch?v=SQpNPEiAedg>. Acesso em: 09/07/2012.